

CINEMA/CRÍTICA

O anticristo é ele

• **O diretor dinamarquês Lars Von Trier prova mais uma vez que é um dos cineastas mais provocadores da atualidade em "Anticristo", terror psicológico que mistura imagens oníricas, muito sexo e perturbadoras cenas de mutilação de embulhar o estômago**

FÁBIO FREIRE
Repórter

Lars Von Trier não é um cineasta fácil. Ele não faz filmes para agradar, mas sim para questionar, seja o próprio modo industrial de produção cinematográfico, ao inovar esteticamente e narrativamente; seja uma sociedade que ele considera medíocre e em decadência, ao usar seus filmes como painéis que a criticam sem pena. Independente das intenções, seu cinema é o de extremos: ama-se ou odeia-se, mas não dá para ficar em cima do muro. Seus filmes também não são de fácil leitura e, geralmente, demandam algum tempo até serem digeridos. Juízo de valor - "gostei" ou "não gostei" - é o que menos importa aqui e não está nem mesmo em questão.

Seu mais recente trabalho, o terror psicológico "Anticristo" segue essa mesma lógica de um cinema feito mais para incomodar do que para entreter. Polêmico, perturbador, desagradável e, por vezes, entendido, o filme tira o espectador do lugar comum e o joga em exercício cinematográfico de estilo inquietante e cada vez mais raro dentro do esquema mercadológico do cinema. "Anticristo" já sai ganhando por isso. Lars Von Trier está pouco se lixando para as convenções, regras ou questões morais da sociedade e mostra em "Anticristo" que está, acima de tudo, a serviço da sêti-

ma arte.

Não que "Anticristo" seja um filme perfeito. Longe disso. Na ânsia de espiar suas culpas e medos - o filme foi feito para "curar" uma forte depressão vivida pelo cineasta - Lars Von Trier erra várias vezes a mão e entrega um longa-metragem irregular e que está longe de ser um de seus melhores trabalhos [ver quadro ao lado].

Misturando imagens fortes, belas cenas mergulhadas em câmera lenta e muito sexo filmado sem pudores, o diretor pecca justamente por querer que seu filme diga muito, seja por meio das imagens, seja por meio da verborragia que toma conta dos dois únicos personagens em cena.

Willen Dafoe ("Homem-Aranha") e Charlotte Gainsbourq ("Não Estou Lá") são um casal que acabou de passar por um trauma: o filho pequeno morreu acidentalmente caindo da janela enquanto os dois transavam. Ele é um terapeuta sem nome. Ela, uma pesquisadora sem nome. Diante da dor e do desespero da mulher, ele torna-se seu terapeuta e a leva para uma casa isolada no meio do nada. A intenção é que ela lide com seus traumas e supere o luto.

Mutilações realistas

É a partir dessa mudança de cenário que Lars Von Trier começa a colocar as mangas de fora e a dar peso a "Anticristo". É na casa isolada que a personagem de Charlotte passa do desespero ao desequilíbrio e o casal começa a viver em meio a um inferno de acusações, medos e culpas. O sexo e a violência entram na equação, e o que antes era uma longa discussão vira um embate físico digno das produções de tortura (caso de "Jogos Mortais" ou "O Albergue", por exemplo). A diferença é que Lars Von Trier não estiliza as mutilações, o que as torna mais aterrorizantes e realistas.

É exatamente essa característica que transforma "Anticristo" em um puro exemplar

FILMOGRAFIA

Ondas do Destino (Breaking the Waves, DIN, 1996)
Filme que revelou Lars Von Trier para o mundo e revelou a atriz Emily Watson (indicada ao Oscar). No filme, Watson interpreta uma mulher que mantém relações sexuais com vários homens para satisfazer o marido paraplético. Com "Ondas do Destino", Lars Von Trier começa sua tradição de maltratar suas protagonistas

Os Idiotas (Idioterne, DIN, 1998)
Um dos filmes fundadores do Dogma 95 - manifesto que pregava um cinema menos floreado -, "Os Idiotas" casou polêmica ao retratar um grupo de amigos que forma uma sociedade dedicada a explorar todos os aspectos da idiotice como valor de vida. A protagonista é uma mulher desiludida da vida que vê no grupo uma válvula de escape para suas frustrações

Dançando no Escuro (Dancer in the Dark, FRA, 2000)
A cantora Björk interpreta uma mãe solteira com um problema hereditário de perda da visão. Para evitar que seu filho sofra com a doença, ela junta dinheiro para que ele possa fazer uma cirurgia. Mesclando elementos do musical com o rigor estético do Dogma 95, Lars Von Trier faz aqui seu filme mais melodramático

Dogville (Dogville, FRA, 2003)
Nicole Kidman come o pão que o diabo amassou nessa parábola sobre o fracasso da sociedade norte-americana. Mais uma vez, Von Trier maltrata sem pena sua protagonista e mistura cinema e teatro - aproximando-se de uma estética brechtiana - em prol de uma narrativa envolvente e perturbadora. Pensado como uma trilogia, o filme ganhou continuação em 2005, com "Manderlay", que não obteve o mesmo sucesso

do gênero de horror. Longe de apelar para as fórmulas do gênero - sustos gratuitos, música onipresente, câmera tensa -, o diretor deixa esses recursos de lado e mostra a pior face do terror. Ele existe na mente e no imaginário dos dois personagens. Ele não está nas imagens, e sim nas atitudes doentias desse homem e dessa mulher que se machucam de todos as formas, verbal e fisicamente. Quem for assistir ao

✦ **Polêmico e perturbador, o filme tira o espectador do lugar comum**

✦ **A dureza da narrativa e a crueldade com as personagens estão presentes no filme**

filme esperando um terror convencional, vai se decepcionar. Lars Von Trier nunca é convencional.

Dureza narrativa

Se nas aparências "Anticristo" é um filme diferente dentro da obra do diretor dinamarquês, em sua essência, o longa deve muito ao cinema de Von Trier. Usando uma estrutura literária de divisão em capítulos (Prólogo, Luto, Caos, Desespero, Os Três Mendigos e Epílogo), o cineasta pode até trabalhar a imagem de um modo inédito (o prólogo e o epílogo ganham ares de videoclipe). Mas a dureza da narrativa e a crueldade com que as personagens são retratadas, marcas de seus filmes, estão presentes e deixam claro que Lars Von Trier é mesmo um autor.

Emulando David Lynch (no clima de pesadelo que perpassa toda a narrativa), fazendo alusões ao surrealismo (por meio de imagens que primam mais pela plástica do que pelo sentido), citando filmes de ter-

ror que se passam em lugares ermos ("A Morte do Demônio" e "A Bruxa de Blair" são lembranças constantes), Von Trier demonstra em "Anticristo" um domínio invejável das ferramentas que fazem o cinema.

Pena que essa capacidade narrativa seja desperdiçada na medida em que o diretor embala seu filme em clima de distanciamento incomum a sua obra. Se em "Ondas do Destino", "Dançando no Escuro", "Os Idiotas" ou na saga de Grace ("Dogville" e "Manderlay"), o rigor estético não impede que o espectador se envolva com as personagens, seja se identificando com elas, seja sentindo ódio ou repulsa, em "Anticristo", pouco nos importamos com o destino do casal, por mais chocante que ele seja. Ainda que os dois atores em cena, Willem Dafoe e Charlotte Gainsbourq (premiada esse ano no Festival de Cannes), se entreguem sem reservas aos papéis, demonstrando coragem e confiança extrema no diretor, a demasiada preocupação de Von Trier em nos chocar faz com que "Anticristo" fique envolto em um clima de distanciamento que diminui o impacto do longa.

Proposital ou não, falha ou intenção, pouco importa. Quando chega ao fim, "Anticristo" deixa um gosto amargo na boca e, ao mesmo tempo, um certo alívio. A tortura e a via crucis dos personagens e do espectador terminam. Mas, para o bem ou para o mal, as fortes imagens ficam na memória. Lars Von Trier conseguiu mais uma vez. Expiou seus medos, torturou seus personagens e incomodou o espectador. Cinema para Von Trier é isso.

✦ **Mais informações**
"Anticristo" (Antichrist, ALE, 2009). Direção: Lars Von Trier. Com Willem Dafoe e Charlotte Gainsbourq. Confira horários e sessões no Zoeira.

✦ **Comente**
caderno3@diariodonordeste.com.br

↳ **Charlotte Gainsbourq ganhou o prêmio de melhor atriz em Cannes pelo papel de uma mulher em depressão após a morte acidental do filho no terror psicológico "Anticristo"**

